



Nas origens da Literatura Brasileira. Um poeta luso-brasileiro desconhecido

*At the beginning of Brazilian Literature.
A Luso-Brazilian unknown poet*

FRANCISCO TOPA
Universidade do Porto



Resumo: O artigo apresenta Cláudio Grugel do Amaral, um poeta luso-brasileiro desconhecido que viveu na segunda metade do século XVII, e dá conta das linhas orientadoras da sua obra, cuja edição o autor prepara.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Barroco; Cláudio Grugel do Amaral

Abstract: The article presents Cláudio Grugel do Amaral, a Luso-Brazilian unknown poet who lived in the second half of the seventeenth century, and clarifies the guidelines of his work, which edition the author prepares.

Keywords: Brazilian literature; Baroque; Cláudio Grugel do Amaral

Cento e oitenta anos passados da publicação do *Parnaso Brasileiro* do Cónego Januário da Cunha Barbosa, um dos marcos iniciais da historiografia literária brasileira, a tarefa de inventariação e estudo sistemáticos da literatura do período colonial continua longe de estar concluída. Apesar de os instrumentos e recursos serem hoje bem melhores, de haver – à partida, pelo menos – recursos humanos suficientes e bem preparados, desapareceu o entusiasmo romântico pela investigação do passado, substituído muitas vezes pela adesão acrítica à última moda ou pela sedução fácil de trilhar os caminhos mais batidos, o que explica tanta tese inútil sobre tão poucos autores e obras, nem sempre bem identificados como verdadeiros clássicos. Este estado de coisas é ainda menos compreensível se tivermos em conta que este período da literatura brasileira – ou, talvez melhor, luso-brasileira – não é particularmente rico, nem quanto à quantidade, nem quanto à qualidade, sobretudo nos seus dois séculos iniciais.

Apesar disso, é justo reconhecer que tem havido alguns progressos nas últimas décadas, traduzidos na (re)edição e na (re)leitura de autores maiores e menores, já conhecidos ou inéditos. É também um pequeno contributo nesse sentido que venho aqui apresentar, dando conta de um trabalho de investigação em curso.

Trata-se de um poeta barroco que permaneceu inédito e não mereceu – tanto quanto pude para já apurar

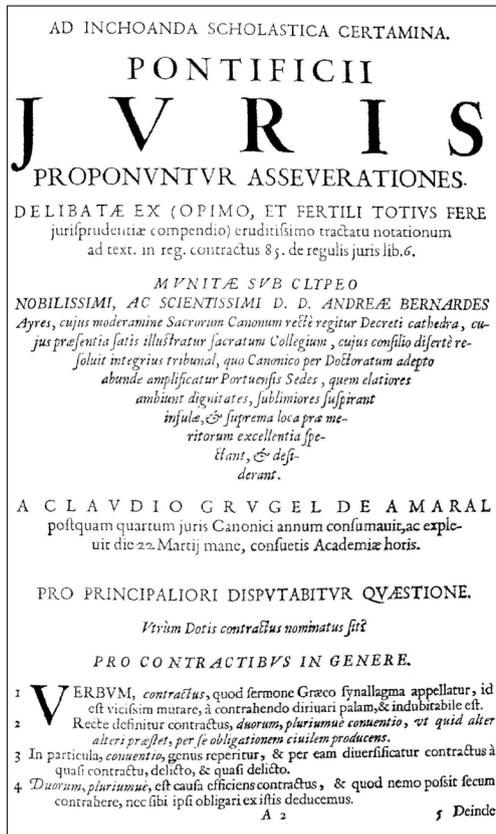
– referências dos seus contemporâneos, ficando assim relegado ao mais profundo esquecimento: o seu nome é Cláudio Grugel do Amaral e, como tentarei mostrar no decurso desta breve apresentação, a sua obra tem muitos motivos de interesse. Começemos por um breve apontamento biográfico.

De acordo com Nuno Canas Mendes, num artigo em que, seguindo diversas fontes, estuda dois ramos da família Amaral Gurgel que vieram para Portugal,¹ Cláudio era neto do fundador da família no Brasil, o corsário Toussaint Grugel, natural de Le Havre: a sua mãe, Ângela de Arão do Amaral, era filha do francês, tendo casado por volta de 1637 com o capitão João Baptista Jordão, natural de Aziganha do Ribatejo. Cláudio Grugel do Amaral, o último dos sete filhos do casal, terá nascido por volta de 1654, no Rio de Janeiro, onde também morreria, assassinado, a 17 de Abril de 1716. Veio para Coimbra estudar Cânones, matriculando-se em *Instituta*, de acordo com Francisco Morais,² a 8 de Novembro de 1670. Obteria, segundo o mesmo autor, o grau de Bacharel a 14 de Maio de 1676, alcançando a Formatura a 22 de Maio do

¹ *Do Brasil para Portugal: itinerários genealógicos de dois ramos da família Amaral Gurgel*. In: *Genealogia & Heráldica*, n. 3, Porto, Universidade Moderna, 2000, p. 233-237. Sobre o nosso autor, cf. p. 244.

² *Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil*. In: *Brasília*, vol. IV – Suplemento: Publicação Comemorativa do Quarto Centenário da Cidade do Salvador; Coimbra, 1949, p. 29-30.

ano seguinte. Pude entretanto descobrir um texto jurídico, em latim, que Cláudio Grugel publicou em Coimbra, em 1675, ainda na qualidade de estudante: *Ad Inchoanda Scholastica Certamina. Pontificii Juris Proponuntur Asseverationes...* Percebe-se pelo longuíssimo título que o tema desta dissertação de 9 páginas é o contrato de dote. Foi orientador André Bernardes Aires, regente da cátedra de Decreto,³ tendo o trabalho sido defendido a 22 de Março, certamente do mesmo ano de 1675 em que foi publicado (Conimbricæ: *Superiorum placito*. Apud Iosephum Ferreyra).



De regresso ao Rio de Janeiro, casa em 1684 com a carioca Ana Barbosa da Silva, resultando dessa união quatro filhos. Por alvará régio de 12 de Fevereiro de 1688, seria nomeado Provedor da Fazenda do Rio de Janeiro, desempenhando ainda outras funções públicas, designadamente as de Vereador da Câmara e de Provedor

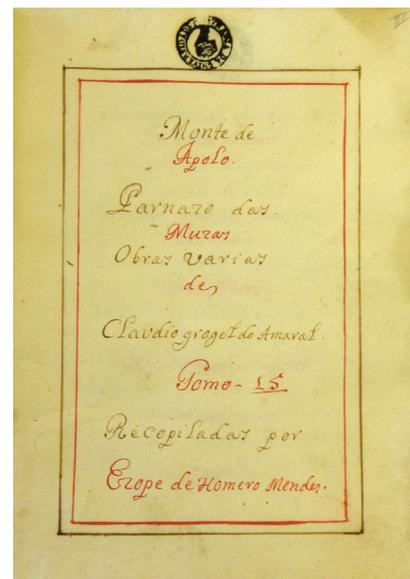
³ Embora Barbosa Machado diga que o lente em causa tomou posse da cadeira de Decreto a 5 de Dezembro desse ano de 1675 (*Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica*. Na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente. Offerecida à Augusta Magestade de D. João V. Nosso Senhor por Diogo Barbosa Machado Ulyssiponense Abbade da Parochial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico do Numero da Academia Real, tomo I, Lisboa Occidental, Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1731, p. 139).

⁴ Cf. Nuno Canas Mendes, op. cit., p. 246.

da Santa Casa da Misericórdia. Ficando viúvo a 2 de Abril de 1695, abraça a vida sacerdotal, aparecendo mais tarde envolvido num aventuroso episódio político-policial com o seu segundo filho, o Alferes José Grugel do Amaral. De contornos ainda mal esclarecidos, o caso parece ter tido a ver com a oposição – tanto de Cláudio como de seu filho José – ao Governador do Rio de Janeiro Francisco Xavier de Távara, que exerceu o cargo entre 1713 e 1716. O ponto alto do conflito foi a morte de João Manuel de Melo, favorito do Governador, às mãos do Alferes José. A vingança desse homicídio acabaria por provocar a morte de Cláudio Grugel do Amaral, enquanto que o filho – logrando escapar desta feita – viria a ser executado na Baía, em 1722.

Mesmo com o episódio que acabaria por provocar a sua morte, talvez não haja na biografia do nosso poeta nada de absolutamente excepcional: produto da elite local, obtém formação superior em Portugal – onde, como veremos, cultiva também a poesia –, volta à terra de origem, actuando como um homem do seu estatuto e da sua época, não hesitando em assumir o conflito com as autoridades que limitavam o seu poder.

Antes de passarmos à apresentação da obra poética que Cláudio Grugel do Amaral deixou inédita, importa ainda fazer uma ressalva, de modo a evitar eventuais confusões. O nosso autor teve um sobrinho homónimo, nascido no Rio de Janeiro por volta de 1681 e falecido em Lisboa, a 19 de Março de 1752.⁴ Estudou também em Coimbra, obtendo o grau de Bacharel em Cânones, mas acabou por fixar residência em Lisboa, sendo nomeado Procurador da cidade em 1704. Mais tarde, em 1737, foi nomeado Superintendente da Junta da Administração das Obras das Águas Livres, assumindo um papel de grande relevo na resolução do problema de abastecimento de água à capital.



A obra poética do primeiro Cláudio Grugel do Amaral está compendiada no Ms. 354 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra que apresenta na folha de rosto as seguintes inscrições: “Monte de / Apolo. / Parnazo das / Muzas / Obras Varias / de / Claudio Grogel do Amaral. / Tomo – 15 / Recopiladas por Ezope de Homero Mendes.” O carácter burlesco detectável no cólofon e a falta de uma data impedem que a atribuição ao Cláudio nascido por volta de 1654 seja totalmente segura. Na ausência, para já, de outros elementos materiais, a simples leitura dos textos revela sem margem para dúvidas a presença dos estilemas de um barroco que um quarto de século depois, com o segundo Cláudio, não sendo impossível, seria certamente menos provável. Além disso, tendo fixado residência na metrópole e alcançando um certo relevo na sociedade lisboeta, seria de esperar que o mais novo – se fosse ele o autor – fosse objecto de referência pelos seus contemporâneos ou pelos bibliógrafos posteriores.

Outro argumento a considerar na discussão da autoria é fornecido pelo próprio autor, que num dos textos (f. 38v) declara ter nascido em Portugal:

A ùa Senhora, que murmurava de Lisardo não fazer a Sílvia versos senão em Português.

Soneto.

Em Portugal nasci, me diz o Cura,
em Portugal me fiz, tal qual Poeta,
parir podia minha Mãe em Creta
e falar-te-ia em língua mais escura;

Que te pareça pois por desventura
a Musa em português não ser discreta,
pouco vai, porque a musa de um baieta
teus fileles na lima não procura;

Eu poeta (se sou) como namoro
a Sílvia mais gentil, em a beleza
Anjo humanado, em o terreno Coro;

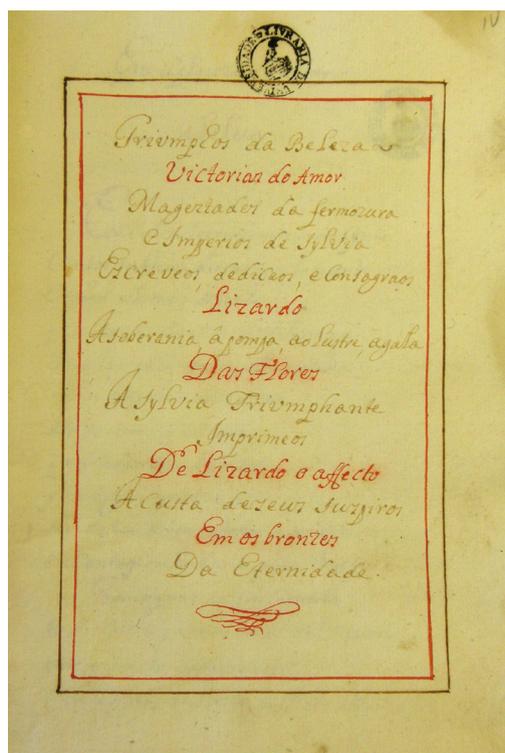
Sendo Sílvia tão linda Portuguesa,
fora, Senhora Aminta, desaforo
o fazer-lhe eu os versos à Francesa.

Num outro momento da obra, há um texto em décimas em que um conjunto de damas, dirigindo-se a Lisardo, o dão “por Cabrão em Portugal, / Conde de Cabra em Castela.” (f. 60r).

Não creio que elementos deste tipo ponham em causa a autoria de Cláudio Grugel do Amaral: nascido no Rio de Janeiro, ele é brasileiro, mas não deixa de ser português, não sendo portanto de estranhar que diga “Em Portugal nasci [...]”, sobretudo num contexto em que justifica e defende a utilização da língua portuguesa. O facto aliás de afirmar, no mesmo soneto, “em Portugal me fiz, tal qual Poeta,” parece sugerir que a prática da poesia se iniciou

com a vinda para Coimbra. Por outro lado, o conteúdo burlesco de parte da obra e a ausência de quaisquer referências ao Brasil no seu conjunto talvez autorizem a supor que a actividade poética do autor se limitou ao período estudantil.

Feito este esclarecimento, tentemos agora uma breve apresentação da obra, que está organizada como um verdadeiro livro, dividido em três partes. A primeira delas, talvez a mais previsível, apresenta o seguinte título: “Triumphos da Beleza / Victorias do Amor / Magestades da fermozura / e Imperios de Sylvania / Escreveos, dedicaos, e consagraos / Lizardo / A soberania, â pompa, ao Lustre, a gala / Das Flores / A Sylvania Triumphante / Imprimeos / De Lizardo o affecto / A custa de seus Suspiros / Em os bronzes / Da Eternidade.” Abrindo com uma longa silva “Em aplauso do Autor”, escrita em espanhol e da autoria de António Leitão Faria, esta primeira parte inclui um total de 36 poemas, distribuídos pelas formas poemáticas mais comuns na época: 17 sonetos, nove romances, seis poemas em décimas, três madrigais e uma endecha.



Celebrando Sílvia a partir de qualquer incidente do quotidiano, os textos desta primeira parte revelam um poeta engenhoso e vivo, nesse sentido superior, por exemplo, a Botelho de Oliveira. Vejamos três exemplos, a começar por um soneto (f. 6r) cujo quinto verso só em aparência é hipermétrico:

A Sílvia
Voltando as costas a Lisardo.

Soneto.

Quando abonando, Sílvia, a crueldade
me dás as costas, ocultando o peito,
não cuides que, inda assim, em o respeito
menos venero tanta majestade;

Não me entibiaste, não, minha vontade
tendo perante si tão lindo objecto,
pois avesso não tem nem tem direito
para os respeitos ùa Angelidade;

Vê, ingrata, cruel, como comigo
é favor teu desdém, no lance avaro[,]
no peito que me voltas inimigo;

Pois inda assim, com um cortês reparo,
posso dizer me não deste castigo,
mas antes, Sílvia bela, um favor raro.

O segundo exemplo é uma passagem (f. 22r) de um poema em décimas, dedicado “A Sílvia / Estando sonolenta à vista de Lisardo e espertando a uns trovões.”:

Estou para vos dizer
desta raiva em a paixão
que tomara ser trovão
para acordada vos ter;
pois que à vista de um querer
com sono estais, minha flor,
donde infere a minha dor
que para tal formosura
tem um trovão mais ventura
do que forte o meu amor.

O último exemplo é uma passagem (32v-33r e 34r) de uma endecha em que Lisardo retrata Sílvia, com traços eróticos bem acentuados:

As tetinhas alvas,
filagranas todas,
da mais alva neve
(minha Sílvia) zombam.

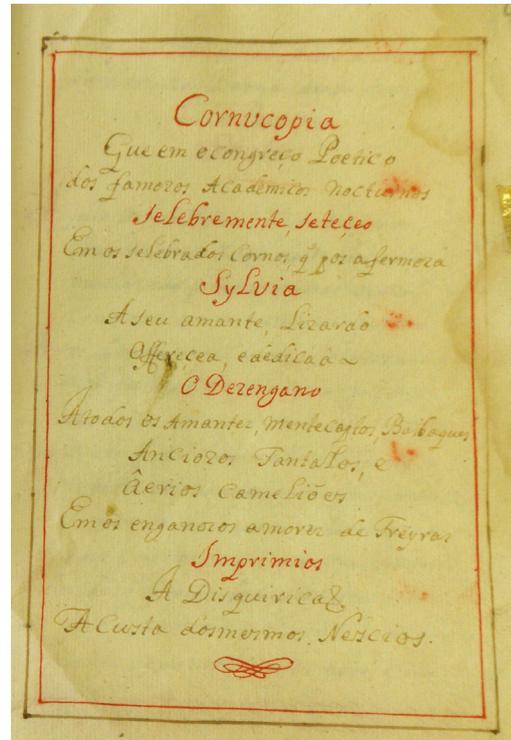
Manjar branco em pelas
nessas tetas mostras,
que muito as desejam
vontades gulosas.

[...]

Falemos na saia
que teu corpo assombra;
mal o haja ela,
que o mais me não mostra.

Que eu to retratara,
fresquinha senhora,
em prisões de prata
o botão da rosa.

A segunda parte do volume dá conta do fracasso da relação amorosa entre Lisardo e Sílvia, devido à traição da dama, que percebemos agora ser freira. O título anuncia com clareza a mudança de registro: “Cornucopia / Que em o congreço Poetico / dos famosos Academicos nocturnos / Selebrenmente, seteço / Em os selebrados cornos, q pos a fermoza / Sylvia / A seu amante, Lizardo / Offereça, e dedica a / O Dezengano / A todos os Amantes, mentecaptos, Basbaques / Anciozos Tantalos, e / âerios cameliões / Em os enganozos amores de Freyras / Imprimios / A Disquirição. / A Custa dos mesmos Nescios.” Segue-se uma paródia dos elementos habituais numa edição impressa: um soneto em que Apolo manda rever os poemas “A Trajano Bocalino, como a censor do Parnazo [...]” (f. 47r); um outro em que Bocalino dá conta da censura que fez (f. 47v); outro em que Apolo dá a licença para a impressão (f. 48r); outro com a “Taxa que a Meza do Paço de ElRey Apollo pos a este Livro.” (f. 48v); a dedicatória “Aos Senhores amantes Freyraticos.” (f. 49r); um soneto enviado do Inferno por Marcial “Aos Senhores Academicos Nocturnos [...]” (f. 49v); o soneto de resposta “[...] pellos mesmos consoantes.” (f. 50r); e, por fim, um soneto “Ao pio E devoto Leytor.” (f. 50v).



A *Cornucopia* propriamente dita é formada por quatro poemas que dois amigos e algumas damas dirigem a Lisardo: uma silva, um romance, um poema em décimas e uma endecha. A título ilustrativo, vejamos uma passagem do romance (f. 57v-58r):

Convosco falo, Lisardo,
 porque falando convosco
 cornos tudo são que vejo
 e cornos tudo o que topo.
 Cornos fêmeas, cornos machos,
 cornos grandes, cornos mochos,
 cornos grandes e piquenos,
 cornos delgados e grossos.
 Cornos com nós de Boi velho,
 cornos de veado e cornos
 de carneiro e de cabrão,
 cornos que não tem já conto.
 E são tantos que podeis
 ter os timbres bem famosos
 dos Duques de Cornualha
 e mais dos Cornélios todos.

A terceira e última parte do volume constitui uma espécie de resposta de Lisardo à sátira anterior. O primeiro texto é uma longa dedicatória em prosa: “A S.^{ra} Catherina do sacram.^{to} / Dedicar, oferece, e consagra / Lizardo. / Os Triumphos de sua Belleza.” (ff. 67r-71v). Segue-se um outro texto em prosa, ainda mais extenso, intitulado “Advertencia Appologetica. / Rezão Satisfatoria / Discurso demonstrativo, deste empenho. / As Senhoras / q curioza mente lerem / Estes Tropheos de amor, em os Triumphos / da mayor Beleza.” (ff. 72r-101r). Nele o sujeito, lamentando a sátira de que Sílvia fora objecto, narra um sonho em que se vira no Pindo, aí encontrando os autores da *Cornucópia*. Tal como eles, também o narrador, que se chama Artimidoro, é preso e levado à presença de Apolo, acusado de ter sido o pretexto dos crimes de que todos são acusados: a prática da sátira e da poesia lasciva. Condenados inicialmente a casarem com as damas que tinham apresentado queixa a Apolo, acabam por ver a sentença comutada: são suspensos “[...] das ordens de Poetas, mandando as Muzas os não seccorrão com nenhũs consoantes, sob graves e teriveis pennas, por tempo de dous Annos.” (f. 100r). São também enviados, pelo mesmo período de tempo, para a nova conquista do Monomotapa, ao passo que as queixosas são mandadas recolher a um convento. O narrador recebe

ainda a ordem de queimar a *Cornucópia* e de louvar Sílvia em verso, sob o nome de Lisardo. A parte final do volume é justamente ocupada com o cumprimento dessa sentença: ao longo de 18 poemas – oito romances, oito poemas em décimas e dois sonetos –, Lisardo louva D. Caterina do Sacramento, voltando-se assim ao ponto de partida e encerrando a obra no mesmo registo elevado e engenhoso com que começara. Sirva de exemplo a primeira estrofe de um poema em décimas (ff. 116v-117r):

À mesma Senhora tendo na toalha ãas Flores secas.

Décimas.

Se ao sol da vossa beleza
 essas flores não murcharam,
 com menoscabos ficaram
 dessa sua gentileza;
 pois murchando com destreza
 de tal beleza ao farol,
 mostraram que no arrebol
 de tal sol nos resplendores
 eram, Caterina, flores,
 e vós um luzido sol.

Concluindo esta breve apresentação de um trabalho ainda em curso, podemos dizer que estamos perante um poeta que, não alterando o panorama da literatura brasileira do século XVII, a enriquece sobremaneira, elevando para três o número dos seus principais poetas e incluindo o Rio de Janeiro num círculo literário que tinha a Baía por centro. É inegável que Cláudio Grugel do Amaral não tem o génio do seu contemporâneo Gregório de Matos; é inegável que à obra que nos deixou, bem menos ampla e diversificada, falta o sabor local que faz as delícias do leitor contemporâneo do *Boca do Inferno*; mas creio ser também inegável que essa obra evita a dicção pomposa e fria que caracteriza boa parte da poesia de Manuel Botelho de Oliveira, tendo a vantagem adicional de recorrer a vários registos e de juntar a prosa ao verso.

Recebido: 02 de março de 2011
 Aprovado: 26 de abril de 2011
 Contato: francitopa@gmail.com